ANO I — GUIMARÃES — (Segunda quinzena) — JUNHO DE 1923 — N.º 14

Pro Vimarane

ADMINISTRADOR:
AURELIO FERRA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA 31 DE JANEIRO, 42 — GUIMARÃES

DIRECTOR:
JOSÉ FELIZ DA SILVA E SOUZA
SECRETARIO DA REDACÇÃO:
JOÃO S. S. RIBEIRO

PROPRIEDADE DO GRUPO *Pro Vimarane*
Composição e impressão *Tipografia Lusitania*
RUA GRAVADOR MOLARINHO, 45 — *GUIMARAES*

Os caixeiros, êsses incansaveis e socegados obreiros, sempre prontos a cooperar nas manifestações patrioticas, nas ocasiões propicias, realizam este ano, como em tempos idos, a Marcha Milaneza. Louvamos a maneira como estão tratando do caso, pois è vê-los como todos os dias, com sacrificio e com abnegação, correm as ruas da cidade a angariar donativos. Trabalhai, rapazes, trabalhai sempre; o que é preciso è que vos deem muito dinheiro, para a Marcha sair brilhante e para que os nossos visitantes digam, como no passado, que só por isso vale a pena vir a Guimarães. Pois se tanta e tam diferente «bicharada» com que a Marcha é constituida não havia de merecer admiração, se nela aparece simbolisado o animal que, na opinião de certa gente, é o nosso ascendente...

Uma coisa certa e segura deve saber o povo da nossa terra e a gente de Portugal—é que embora muitas dificuldades mortifiquem e apavorem os homens que pelo progresso e grandeza de Guimarães trabalham, nem por isso o seu ardor desmerece e a sua fé se extingue. A Exposição Industrial e Agricola, as Festas Gualterianas e a Marcha Milaneza realizam-se, para provar que o nosso cantado espirito bairrista não aceita desmentidos, redobrando sempre de intensidade, de alegria e de ardor. As varias comissões que vêm desempenhando os cargos que sobre si tomaram e a Direcção da Associação Comercial, merecem, sem lisonja, os louvores maximos de todos nós.

—oo—

A todos os nossos presados colegas que se dignaram dirigir-nos referencias amaveis, pelo aparecimento do nosso modesto quinzenario, agradecemos reconhecidos.

Sem melindres, salientamos aqui o nosso colega «Comercio de Guimarães», o decano dos jornais desta terra que, em poucas palavras mas sinceras, diz aos seus leitores o caminho que os rapazes do «Pro Vimarane» enveredam:

«Jornal feito por dedicados rapazes, a sua leitura torna-se interessante, porque nela vibra o sangue novo da mocidade e o desejo de se tornarem uteis á terra que viu nascer.

A mocidade não encontra obstaculos, e assim a vemos, no tablado da imprensa, impulsionado dos grandes ideaes, empregando utilmente as horas que tantos outros dedicam ao ocio e ao vicio.»

AINDA A PROPOSITO

ESTAMOS a um mês das nossas Festas.

Já não iamos sendo daqueles que poderiamos acreditar no ressurgimento das feiras francas de S. Gualter — com o seu explendor devido! Nós que como todos bem avaliamos quanto indiferentismo se tinha apoderado deste meio, não supunhamos que os animos despertassem e se lançassem na missão bairrista de dignificar este torrão quasi esquecido e para muitos ignoto —no que respeita á sua estética progressiva e melhoramentos indispensaveis.

Estamos certos que as "Festas da Cidade„ virão forçar os espiritos indiferentes e que poderiam abalançar-se nas maiores e proveitosas iniciativas de interesse citadino e particular, a sentir as necessidades mais urgentes da cidade — e quem sabe se a abrir o caminho para o campo das realisações práticas, de que muito e muito carecemos!

Já não é sem tempo, bons Vimaranenses! E nós, em que uma malfadada hora nos obrigou a ir *malhando em ferro frio*, irêmos *martelando... martelando*, até que perdidas as esperanças de sair obra em geito—caírmos... sim, mas honrosamente... para não lutar nesta onda ambiciosa que tudo destroi e faz desprezar.

Sabemos que, apesar de tanta sensaboria, nadamos em projectos, que nos afogam, mas estamos como S. Tomé: "*Ver para crêr*„.

Quando aparecerá o dia, em que um dos mais minusculos projectos, passe a ser posto em prática? Quando?

Tanta coisa forjada a tinta, lapis e papel e não ha um arranco supremo que converta estes componentes de "mamadeiras„ nuns verdadeiros amigos do progresso desta terra, dando a esta o que ela mais precisa.

Neste dia, então, Guimarães, não será o foco ambicioso, que cria um ambiente de indiferentismo, mas sim a Cidade grande pela sua História, grande pelo seu Trabalho, grande pela sua Industria e finalmente linda pela sua Elegancia e Decencia.

Oxalá, que assim seja!

Soneto Ditado na Abundancia

Charge ao Soneto ditado na agonia de BOCAGE.

Já pelintra não sou... A' casa escura
Meu ser não torna mais nem um momento...
Os ricos ultragei! O meu tormento
Foi dormir, se dormia, em cama dura:

Conheço muito bem qual a figura
Que, ao açambarcar, fez meu intento,
Mas ser pobre teria merecimento
Se não houvesse aqui cavalgadura.

Não me arrependerei porque vazia
A burra não dará velocidade
Ao auto que correu, corre e corria.

Qual outro Job já fui... A seriedade
Manchei!.. Se me não crês ó gente pia
Masga o pondonor, crê na habilidade!

R. E.

A nossa terra, tão bondosa, tão cheia das belas qualidades que podem dar nome e relevo a uma raça que — quer queiram ou não — ha de marcar sempre por ser o berço de uma aguia que, de vôo em vôo, fez a golpes de montante, o nosso Portugal, tem-se tornado ultimamente um meio agitado e de requintada perversidade.

Porquê? perguntará toda a boa gente da velha *Araduca*.

E' facil responder.

O meio é bom, mas ainda eivado de uma falsa ou má noção, que toda a gente tem, do que seja a educação, o sentimento e a vibratibilidade do espirito.

O operario, a plebe, todo o povo, não tem a menor intuição do que é uma sociedade organisada.

Daí essas vergonhosas scenas de sangue de ha dias, que, certamente, os nossos tribunais, jurados e toda a grande benevolencia juridica absolverá com a maior complacencia e a maior tranquilidade de espirito....

Eis o grande mal.

—oo—

CONSOLA-NOS a novidade que ha momentos nos deram, de que não será permitida a exibição de barracas *manhosas*, como vinha acontecendo nestes ultimos anos com as que se montavam no Campo da Feira para a venda de café e bebidas.

Aplaudimos absolutamente esta medida.

Mas, aquela *guarita infame*, Ex.ma Senhora Camara, não será substituida, ou pelo menos queimada?

Ali mesmo na entrada do recinto da Exposição, não será um escarneo?

Haja ao menos um pouco de vergonha.

—oo—

ENTROU no seu XXIV aniversário o nosso brilhante colega «Jornal de Abrantes» de que é director o nosso particular amigo Snr. Adelino Lemos.

Cumprimentando, todo o corpo redactorial daquele velho colega, desejamos-lhe uma continuação prospera e abraçamos o seu ilustre director.

—oo—

NA Repartição de Policia, encontra-se uma medalha de ouro, que foi encontrada nesta cidade.

Será entregue a quem provar periencer-lhe.

Miniaturas

CEMITERIOS DE ALDEIA

Eu gosto muito destes cemiterios de aldeia, pequeninos, cobertos de rosas, muito caiadinhos de branco.

Entro nelles e não é tristeza o que sinto. E' doçura, é tranquilidade.

Porquê? Porque vejo que os que alli jazem devem dormir bem o pesado somno da morte.

Dou uma volta pequenina, porque para mais não chegam aquelles poucos palmos de terra. Visito as campas. Leio as inscripções. Bemdigo e louvo, o humildade, a sinceridade daquelles dizeres simples, daquelas simples palavras de amor e de saudade, de amor sentido, de saudade real, não postiça ou fingida

E tudo aquillo — eu sinto o! — faz bem á minha alma, envolvê-me o coração duma mais santa, duma mais piedosa ternura.

Não teem a pesada architectura de elevados mansoleus. O fausto, o luxo, o orgulho post-mortem, *falta lhes em absoluto.*

E comtudo como são lindos! Parecem corbeilles de rosas brancas...

Guimarães.

RUY DE LANCASTRE.

Desleixo

Estamos convencidos que a maior parte dos Vimaranenses, ainda se não disposeram a admirar o Jardim do Carmo. E' pena!...

Convidamo-los a sacrificarem-se um pouco e repararem nesse testemunho fiel do desleixo que da Camara se apoderou.

Um local infalivel á vista de quem deseje admirar o Castelo — estár no estado em que se encontra é simplesmente vergonhoso!...

Não é proprio desta cidade, tanta incuria e tanto desmazêlo.

Que faz o sr. Vereador a quem estão confiados estes assuntos?

Desperte, sr., sacuda-se um pouco e veja que aquilo só é proprio para *bêstas* vaguearem nesse relvado já desfeito, e que agora no calor, talvez lhe sirva de utilidade exclusiva para si...

Tudo o que é demais é êrro.

Exposição Industrial e Agricola

Festas Gualterianas

(Ideas de um extravagante.)

Falar da Exposição, para que se ela vai ser grandiosa nos projectos admiraveis de adôrno dos expositores que concorrem!

Todos capricham, — e são eles tantos, mais de 300 expositores, segundo um membro da propaganda me informa, — que o aspecto será, nas varias secções e galerias, de um surpreendente efeito e de um apurado gosto artistico.

O trabalho e a arte, o progresso e a beleza!

João Rodrigues Loureiro e Francisco da Silva Martins ficarão com os seus nomes gravados a um movimento de alto alcance e de rasgados méritos, que á terra de Guimarães trará inevitavelmente vantagens, proveitos e utilidades

A bondade em pessoa, caracter impoluto, homem de coração, figura preponderante e cavalheiro respeitavel Rodrigues Loureiro tem mostrado, como ninguem, o quanto vale o seu amor pela terra de Guimarães.

Francisco Martins, homem de actividade, organizador corajoso, cavalheiro de pulso e de tempera rija, perspicaz e ponderado, é um nome que fica a valer no meio comercial da nossa terra.

Barbosa de Oliveira, José Mendes, Caetano Martins, Camilo L. dos Reis e Domingos M. Fernandes, auxiliares e devotados companheiros, membros prestimosos da Associação Comercial, que trabalham com azougado entusiasmo, numa luta de dedicação e num esfôrço de vontade, sendo por isso dignos do respeito de todos, pois trabalham numa identificação de ideal para o progresso e beleza da terra de tod s nós.

Direcção abençoada! Movimento sublime de ressurgimento! Avante! Por Guimarães!

*

Eu já vi por deferencia amigavel, os projectos das iluminações.

Soberbissimos! Arte, imponencia, efeito, agrado!

Arco-iris de cores! Adôrnos e luxo de festas de maravilha!

Assuntos impecavelmente calhados ás idealisações!

Notas frescas e berrantes, efeitos de perspectiva!

A rua de Paio Galvão é uma alinhada freguezia minhota, com as suas casotas de aldeia adornadas a singelos vasos de mangerico, alfadega e cordões e cruzes filigranadas. E' de José de Pina.

O Campo da Feira é um arraial de festa aldeã. Arcos de romaria, luxo de procissão! E' do Capitão Luiz de Pina.

A rua da Rainha, é um motivo chinez, impecavel, com muito adôrno, com muita cor, com muito luxo, em arcarias e dragões; S.ª da Guia tem uns cometas de brilho, grandes cometas de luz viva. São do Capitão Mario Cardoso.

Abel Cardoso tem projectos maravilhosos para o recinto da Exposição, iluminação do campo, etc. etc.

Coisas lindas e de agrado como só esses artistas seriam capazes de fazer.

E sendo assim tudo tão grande, tudo tão lindo, aparecendo a nota regional aqui e além, num destaque de efeito e precisão, eu caminho agora no ponto das minhas extravagancias.

Um arco de romaria, enorme, fantastico, a tocar o céu, adornado como os andores espaventosos das rondas saudosas do S. Tiago da Costa, eu poria, ai isso punha!, à entrada principal do Campo do Proposto

Eu queria um arco andor, feito por lavradores e lavradeiras, a sua arte ali no seu mister de festa, contornadinho a murta, cravejado de flores e elegante no seu aspecto desempenado, altivo, enorme, um arco de triunfo minhoto por excelencia, típico, de raça, de feição, arco que fosse capaz de provocar espanto aos visitantes da Exposição Industrial e Agricola.

Eu quizera ali um arco perfumado de alfazema, alfadega, limonete e tomilho, na imponencia do seu aspecto e no arrebitado do seu adôrno.

Murta, flores tomilho e alfadega, a fresquidão e o perfume dos campos é o tique da região a nota viva do povo das aldeias!

Eu quizera ver tambem uma festa de romaria, no largo da Exposição, depois de passar esses 3 dias do programa das grandes festas da cidade.

No largo, e de tarde, por entre folganças animadas de rodas dançantes, grupos de lavradeiras e lavradores, em saracoteios peneirados nos volteios risonhos do vira, caninha-verde e chula, ao som duma festada guisalhante de ferrinhos e picada de castanhetas, alegremente acompanhada da alegria cantado dos desafios do nosso povo improvisador e folgado de mocidade.

Um arraial de romaria pequena num luxuoso largo de Exposição!

A alegria dos campos na morrinhenta tristeza da cidade!

A simplicidade, o luxo modesto e berrante de cores variegadas das moças dos campos, em arreganho de contrastes e saude á pompa enfatuada das figurinhas meladas, fransinas e estéricas da vila!

A saude na dança alegre, entre côr e riso, entre frescura e mocidade desenvolta!

A dança ingénua dos campo batida ao compasso de cantigas gargalhadas!

E ao fundo, em estrado de bambinelas de altar corridos do alto, um bazar de prendas com leiloeiro apalhaçado.

Dou-lhe uma... dou-lhe duas.

E ao forasteiro se venderiam, em leilão, para render mais dinheiro, e por entre a graça caprichosa do despique, lenços bordados, flores de papel, abanicos, rocas enfeitadas, folares, surpresas, etc., mil coisas miudas e de caracter essencialmente da região.

Seria uma festa entretida, engraçada, onde se passariam umas horas de alegre disposição e bom agrado.

Festa esta que se organizaria com pouco dinheiro, uns simples prémios de chamariz a conceder ao grupo de festada que melhor se apresentasse, etc.

Festas assim rendem dinheiro e de facto preciso é organizá-las para os 15 dias de permanencia da Exposição.

Coisas pequenas surtem por vezes grandes efeitos.

Extravagancias que eu quizera vêr, é certo.

Extravagancias pouco extravagantes, não é verdade?

Se eu fôra futurista, então o que diria...

A.

A' Imprensa do Porto

E' de lamentar que, quando da ida ao Porto, do nosso Orfeão, aonde foi proporcionar aos portuenses uma noite de arte, e de gloria para a nossa terra, a imprensa daquela cidade (a chamada *Alavanca do Progresso)* se não manifestasse sobre o espectaculo que, segundo nos informam, foi soberbo, chegando os espectadores, por vezes, ao delirio.

Não querendo nós aqui, dizer o mesmo do "Jornal de Noticias„ que, mui gentilmente publicou, até, a fotografia do Orfeão, e que sobre o espectaculo, disse, em breves palavras, a pura verdade.

A razão porque os outros jornaes nada disseram?

Talvez porque os nossos rapazes do Orfeão, não se lembrassem de convidar os seus *reporters* para um copo d agua, no intervalo do espectaculo...

Triste figura!...

E' inacreditavel que a imprensa portuense fizesse um papel pouco digno do seu nome! Mas é a verdade.

UM VIMARANENSE.

(Que não é orfeonista)

O homem sem paciencia é um candieiro sem azeite.

Musset.

O ORFEÃO NO PORTO

Um triunfo da nossa terra

Manhã clara, dia velho, sol a jorros já d'uma intensidade estial.

7 e 45 minutos. O silvo do comboio anuncia a partida, e aquela massa de alegre rapasiada lá parte contente, divertida com uma confiança em si um grande entusiasmo e uma grande vontade de bem servir a sua terra.

Há vaticinios desanimadores que logo são abafados pela jovenil certeza do bom exito, reforçada pela palavra sempre animadora do ilustre regente. As estações e paragens, sucedem-se sempre no meio da mais franca alegria.

A mascote do Orfeão—o cavaquinho do Agostinho—lá vai sempre a desenvolver.

Faz-se noite por uns minutos, e logo S. Bento, musica, bandeiras e povo aclamando o Orfeão de Guimarães. Cumprimentos, vivas retribuidos, e aquela massa lá segue Sá da Bandeira fora, rua Formosa, Santa Catarina, Batalha, Santo Ildefonso até à séde do Orfeão do Porto onde oficialmente se trocam os cumprimentos de boas vindas e agradecimentos.

Tresmalha-se então o rebanho das ovelhinhas mansas, jantando-se novamente á noite no S. João para cantar.

Abre o pano e o Orfeão é recebido com uma entusiastica ovação

Adeanta-se o Senhor Doutor Aarão de Lacerda, catedratico ilustre e director do Conservatorio de Musica que inicia, o seu brilhante discurso, por uma queixa bem sentida e quasi que indignada por o Porto, terra de verdadeiros amantes da arte se não fazer representar convenientemente nesta festa que o Orfeão de Guimarães ali ia realisar.

Aprecia os orfeãos portugueses, que em geral morrem cêdo, contribuindo imenso para isso a falta de um cancioneiro e a falta de protecção, dos governos. Cita o caso do Sr. Doutor Elias de Aguiar, proficiente director do Orfeão Academico de Coimbra, estar ha 5 anos a reger a cadeira de Historia da musica, sem receber 10 reis do Estado.

Frisa bem, que se alguns orfeãos se aguentam no nosso paiz, é unicamente porque dão passeios e os seus componentes o vão aguentando, sempre á espera de excursões.

Grande verdade!

*

Canta-se agora, e canta-se bem.

Rapsodia do P.e Maia, A Pastorinha, No Bivaque, Noites d'Abril e Nabuco.

O Nabuco foi um delirio.

Muitas palmas, e os rapazes estão contentes, tudo animado, tudo satisfeito.

Estava a casa com pouca gente? Que importava se o ideal estava realisado e o nome de Guimarães se levantou com honra?

A segunda parte do espectaculo foi soberba de harmonia.

José Roriz, Sequeira e Rente exibem-se, como sempre, com inegualavel competencia.

Manoel Moreira, canta com ritmo e com sentimento, levantando a assistencia numa estrondosa ovação.

O Orfeão canta novamente: Ernani, A Andorinha ferida, Portugal é lindo e Rapsodia de R. Dantas.

Todos os numeros aplaudidos, atingindo o delirio no final.

A pedido canta-se ainda o Nabuco, findo o qual rompe uma entusiastica aclamação. Ha vivas de parte a parte, Raul Casimiro é chamado ao proscenio sendo aclamado pelos orfeanistas Vimaranenses.

E assim termina esta festa brilhante que foi—podemos afirmar—senão a primeira, pelo menos das primeiras que o Orfeão tem realisado.

Y.

Exposição Industrial e Agricola

—Por que se vai fazer o Certamen? Para honrar e servir a terra!

Ainda há desmiolados que perguntam—para que serve, que fim util visa o grande esforço que estamos empregando para realizar a exposição? Não sabem, não veem esses pobres de espirito que um certamen expositivo dos produtos agricolas e manufacturas industriais é uma afirmação de vitalidade, uma exteriorisação de força colectiva, um testemunho manifesto do quanto valemos como população laboriosa? Não sabem, não veem que os povos na grande corrente da nação em que vivem só conquistam, em direito e em verdade, a sua carta de foral *quando bem patenteiam, quando bem demonstram que são um valor economico, um elemento de trabalho fecundo, de tralho progressivo, de trabalho riqueza? Não sabem, não veem esses doentes de vontade que uma galeria expositiva como aquela que se está preparando — empolgante de efeitos, galharda de primores artisticos!—será para a terra o seu melhor titulo de recomendação, o seu melhor brazão nobiliarquico, o seu melhor pergaminho de fidalgas tradições, porque é, modernamente, o factor-trabalho o primeiro que avassala e conquista?*

*
* *

Já escrevemos que Guimarães está sendo uma terra olvidada. Guimarães, em vigor de historia, está sendo mais que olvidada—olhada e tratada com indiferença, quasi com despreso! A sua representação parlamentar, distritál e municipal não tem neuhum traço de ligação, nenhuma afinidade de simpatia, moral ou politica, com a terra!

Por sua vez, cá dentro, vivemos desentendidos, desassociados, separados. Há um verdete de feroz egoismo que nos traz corroidos, verminados. Parecemos, pela falta de unidade, de vontade, de interesse colectivo que somos... «forasteiros na propria terra natal»! E este espectaculo de desagregação, o que é pior! reflete-nos á distancia, mostra-nos aos olhos dos estranhos qual alma sem vibrações, qual corpo sem energias, só porque nos não aquece a chama de um ideal — o do amor á terra!

Somos um povo industrial? Sim, é certo, é negavelmente certo que somos o mais forte baluarte industrial do Minho. Mas reparem que já em 1881 certo inquerito oficial ignorava essa verdade, a ponto de nos ser nesse inquerito negada a existencia — a propria existencia! de determinadas industrias sociais, de passo que nos amesquinhavam outras!

Estranho isto? Sim, pode ser muito extranhavel o facto de se negar a evidencia; mas mais extranhavel é que sejamos nós, pelo nosso desunido modo de viver, sem elo social! sem ideal colectivo! sem um vinco forte de amor á terra! *que a nós proprios forneçamos—a nossa certidão de obito!*

Quando, pois, algum doentio espirito ou enfraquecida vontade nos pergunte: Para que se vai fazer a Exposição? A resposta, a nossa resposta sintetica será esta:

—Vamos fazer a exposição, para honrar e servir a nossa terra!

A. L. DE CARVALHO.

SACADURA CABRAL

O povo de Guimarães, mais uma vez demonstrou como sabe receber as individualidades que o visitam.

Conhecida a chegada de Sacadura Cabral, o grande aeronauta portuguez, poucas horas antes da sua chegada, foi o bastante para o povo Vimaranense afluir em massa, e fazer-lhe uma manifestação verdadeiramente entusiastica, delirante mesmo.

Da conferencia, melhor que nós, a imprensa diaria, se fez eco já, no entanto o "Pró Vimarane„ secunda o pedido de Sacadura Cabral e abre no proximo numero uma subscrição destinada a coadjuvar a grandiosa viagem aeria da circunnavegação do globo.

Com os nossos leitores contamos.

VIDA SPORTIVA

O DESAFIO de DOMINGO

Realisou-se como estava anunciado, o desafio entre o V. S. C. desta cidade e o Sport Vista Alegre, de Ilhavo.

Lamentamos não poder dizer que foi uma boa tarde de Sport.

Não Não foi porque ambos os grupos tiveram faltas, sem deixarmos de reconhecer que da parte dos nossos visitantes houve a enormissima caliuada de abandonarem o campo, imperando como razão mais forte, entre outras que apresentaram, a de se *magoar quando cahiam.*

Esta é a parte comica do tal *desafio*—já agora dê se lhe este nome porque na parte seria a impressão que no geral nos ficou, foi que tanto dos pretos e brancos como dos azuis e brancos ha muito bons jogadores, pecando, como sempre, pela falta de treinos.

O Vista Alegre revelou-se-nos um grupo que poucas vezes tem jogado com o conjunto que aqui veio, mais nos parecia um grupo de sahir á rua e não o de trazer por casa.

Sugeriu nos esta ideia o ter visto lá bons elementos, que se viam embaraçados para descobrir alguem do seu grupo.

O resultado na altura em que acabou o jogo foi 0-0, ou talvez uma duzia de zeros.

Emfim como Sport—ZERO.

2.500$00

Casa. Aluga-se até esta quantia. Carta á Redação ás iniciaes **G. S.**

CASA BARBOSA

Ribeiro & Martins, Lim.da

R. da Republica, 132

GUIMARÃES

ESPECIALIDADE
EM CHÁ E CAFÉ

Deposito de vinhos gazosos de Anadia, de Lucien Beisecker, da especial manteiga Flor da Citania, de P ços de Ferreira, e do afamado café Gonçalves Costa, de Lis boa

Deposito de calçado

LUA

RUA DA REPUBLICA, 78-82

Guimarães

Custa mais por par, mas muito menos por ano.

Cada par faz um amigo

CASA

NEVES

FEIRA DO LEITE

GUIMARÃES

Confeitaria e Mercearia

Chá e café. Vinhos, cognacs, champagnes e licores.

Azeite e fumeiro especial Queijo da Serra, etc., etc.

Casa Nun'Alvares

RUA DA REPUBLICA

GUIMARÃES

Papelaria, livraria, objectos de piedade, tabacaria e miudezas.

Sempre novidades literarias

Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessor

R. DA REPUBLICA, 84 a 92

GUIMARÃES

DEPOSITO DA

Polvora do Estado

Vidraria, cristais e louças. Tintas, vernizes, cimentos, etc., etc.

Artigos para caçadores

AD HOC

Da «LEVIANA» — *Antonio (Ferro.)*

Rasguei hoje o teu retrato. Senti que, se continuasse a olhar para ele, deixaria de gostar de ti: estás tão parecido!

*

Tu é que tens a culpa de eu não gostar de ti: gostas tanto de mim...

*

Porque será que tu escreves cartas tão grandes e conversas tão pouco?

*

De «O CRAVEIRO DA JANELA» — *(Augusto Gil.)*

Casamento é lotaria.
Ora então que a roda ande!
Eu sempre tive a mania
De apanhar a sorte grande...

Sou feia? Cá sei haver-me
Sem zelos, nem desavenças.
Tomaram os cegos ver-me...
Ha mais cegos do que pensas.

Por eu ser pobre sorrias
Da minha má condição.
Voam alto as cotovias
— E fazem ninho no chão...

ANECDOTAS

— Que lindo melão que tu levas. E' para ti?

— Não. E' para minha sogra.

Assim ela gosta tanto?

— Não é porque ela goste, antes pelo contrario, quando come dão-lhe sempre cólicas...

*

O rico banqueiro X traz a casa pela primeira vez o noivo que destina á sua filha, menina elegante e espirituosa. O noivo é rapaz bonito e educado, porêm extremamente baixo=um menino na aparencia.

O pae, depois da retirada do noivo:

— Então, que me dizes da escolha?

A filha com ar de seriedade:

A amostra serve-me: agora traga o homem. *Ad hoc.*

PENSAMENTOS

A inspiração consiste em trabalhar todos os dias.

Baudelaire.

Duas coisas que todos devem desejar — a preguiça de um mau e o silencio de um tolo.

Chamfort.

Uma onça de vaidade estraga um quintal de mêrito.

De Ségur.

Os ladrões exigem-nos: a bolsa ou a vida os medicos levam-nos a bolsa e a vida.

Shakespeare.

A TENTADORA

120, RUA DA REPUBLICA 122 e 124

Bernardino Almeida & Costa, Limitada

Fazendas brancas, Modas e Miudezas. Especialidade em bordados de Guimarães. Camisaria, Gravataria e Perfumarias.

SEMPRE NOVIDADES

CASA PENHORISTA VIMARANENSE

Emprestimos sobre valores

PEIXOTO, ROCHA & C.a

RUA DA REPUBLICA — GUIMARÃES

Lusitania

- - João Pereira da Costa - -

45—RUA GRAVADOR MOLARINHO—47

GUIMARÃES

Livraria, Papelaria, Objectos de escritorio Tabacos, Miudezas.

Agencia da Companhia de seguros ATLAS.

Oficina modelar, onde com a maxima brevidade, se executam todas as obras concernentes á arte tipografica e encadernação.

Imprimem-se jornais, livros, relatorios, cartazes, facturas, memoranduns, cartões, etc., etc.

Redacção e administração do jornal «*Ecos de Guimarães*», orgão monarquico de maior tiragem e circulação desta cidade.

PRO VIMARANE

ARMAZEM

— DE —

Tecidos de Algodão

— DE —

JESUS & C.ª, LIMITADA

VENDAS POR JUNTO

44—R. Trindade Coelho 46

GUIMARÃES

Vago

Antonio de Araujo Salgado

RUA 31 DE JANEIRO

GUIMARÃES

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS.

LIQUIDAÇÃO DE TODOS OS ARTIGOS DA ESTAÇÃO DE INVERNO.

Vago

CASA DUARTE

LANIFICIOS

Tecidos de algodão nacionais e estrangeiros

ARTIGOS DA MODA

Delegação da Companhia de Seguros

INDEMNISADORA

R. 31 de Janeiro, 33 a 37

GUIMARÃES